

**“HONROSAS COMISSÕES” E O PAPEL EDUCATIVO DO MUSEU MODERNO:
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, PROTEÇÃO À NATUREZA E A LUTA PELO PROGRESSO
FEMININO NA ATUAÇÃO DE BERTHA LUTZ (DÉCADAS DE 1920 E 1930)***

Lia Gomes Pinto de Sousa**

Resumo:

Este estudo busca relacionar a experiência individual de Bertha Lutz com o cenário maior da comunidade científica a que pertencia e das novas possibilidades que se abriam para a inserção feminina na esfera pública. Dentro deste objetivo, é enfatizada sua atuação no campo da Educação – bandeira cara à sua militância pelo potencial emancipador e, também, às suas atividades profissionais, pelo ideal civilizatório. O contexto educacional das décadas de 1920 e 1930, no Brasil, que contempla tanto as aspirações dos cientistas da época quanto o início da atuação de mulheres neste campo profissional, pode ser considerado um “elo” entre a dimensão científica e feminista. Conclui-se que a trajetória de Bertha Lutz na qual ciências e feminismos são indissociáveis, contribuiu de forma decisiva para a emancipação intelectual, econômica e política das mulheres.

Palavras-chave: Bertha Lutz. Museu Nacional. Educação. Mulheres. Gênero/Ciências.

**“HONORABLE COMMISSIONS” AND THE EDUCATIVE ROLE OF THE MODERN MUSEUM:
SCIENTIFIC COMMUNICATION, NATURE PROTECTION AND THE CAMPAIGN FOR WOMEN’S PROGRESS IN BERTHA
LUTZ’S ACTIVITIES**

Abstract:

This study seeks to relate Bertha Lutz’s personal experience to the wider scenery of the scientific community to which she belonged, and to the new possibilities opened for women’s insertion in the public sphere. Within this wider objective, the work emphasizes her activities in the field of Education – a cause especially dear to her militancy, given its emancipative potential, as well as to her professional activities, for their civilizational ideal. The educational context in the 1920s and 1930s contemplates not only the aspirations of scientists of that period, but also the beginnings of women’s participation in this professional field – it can be considered a ‘link’ between the scientific and feminist dimensions. We may conclude that Bertha Lutz’s trajectory, where sciences and feminism are inseparable, contributed in a decisive manner to women’s intellectual, economic, and political emancipation.

Keywords: Bertha Lutz. National Museum. Education. Women. Gender/Sciences.

* Este artigo é resultado da dissertação de mestrado intitulada *Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)*, defendida em 2009, no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, sob a orientação da Profa. Dra. Nara Azevedo.

** Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (2004) e mestrado em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz (2009). Atualmente é doutoranda da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de História. Atua, principalmente, nos seguintes temas: profissionalização científica, mulheres, Instituto Oswaldo Cruz, Instituto de Biofísica, carreiras.

Introdução

A trajetória da conhecida líder feminista Bertha Lutz (1894-1976) ocorreu de maneira indissociada de sua – não tão difundida – trajetória profissional no campo das ciências naturais e da museologia. Funcionária do Museu Nacional do Rio de Janeiro desde 1919 – onde ingressou no cargo de Secretário e passou ao de Naturalista, em 1937 –, atuou desde o início de sua carreira na área da botânica, zoologia e também no desenvolvimento de novas práticas museológicas. Em meio a suas atividades profissionais, não deixou de ressaltar a importância da participação feminina na área da pesquisa e da divulgação científica, atuação para a qual encontrou bases, dentre outros fatores, no intercâmbio entre as principais tendências educativas em curso no Brasil com as vigentes na Europa e EUA. A ampla rede feminista da qual fazia parte também a impulsionou em suas conquistas entremeadas de gênero e ciências.

Bertha Lutz nasceu em São Paulo, mas passou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro. Filha do microbiologista brasileiro Adolpho Lutz e da enfermeira inglesa Amy Fowler, durante a I Guerra Mundial, Bertha partiu com a mãe e o irmão mais novo, Gualter, para a Europa, onde concluiu seus estudos secundários e o curso superior em Ciências Naturais, pela Universidade de Paris-Sorbonne, em 1918. Recém-formada, retornou ao Brasil e foi contratada como tradutora pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC) onde, oficiosamente, atuou como colaboradora dos trabalhos do pai, na organização do Museu Zoológico. No ano seguinte, ingressou via concurso público no Museu Nacional do Rio de Janeiro, no cargo de secretário, após o que construiu sólida carreira científica¹.

Entre os anos de 1922 e 1932, Bertha Lutz excursionou ao continente europeu e a diversos estados norte-americanos, com o apoio do Museu Nacional, do

Ministério da Agricultura e da *Carnegie Corporation e Endowment for International Peace*, que lhe concedera um “prêmio de viagem” aos EUA, em 1932. Observando diferentes escolas e museus internacionais, Lutz produziu relatórios acerca do “museu moderno” e emitiu sua opinião acerca da aplicação apropriada ao caso brasileiro, propondo a implementação de novas práticas educativas no Museu Nacional. Esta instituição, aliada ao interesse governamental, promoveu uma maciça política educacional de difusão e popularização dos conhecimentos científicos, que se iniciou na década de 1920 e foi levada a cabo até o final dos anos 1930, sob a mobilização mais enérgica de Roquette-Pinto, seu diretor entre 1926 e 1935.

É importante ressaltar a ênfase institucional das atividades de Bertha Lutz nessa área. Por um lado, sua inserção oficial no Museu Nacional ofereceu suporte e proeminência a tais atividades, que estavam, inclusive, em perfeita coerência com a orientação educativa desta instituição. Consolidado como um dos mais importantes *loci* de pesquisa e formação em ciências naturais do Brasil, no século XIX (LOPES, 1997), na primeira metade do século XX, o Museu passa a investir na vulgarização mais ampla e sistemática do conhecimento dentro do contexto de desenvolvimento da comunidade científica e na busca de legitimação desta categoria profissional (DANTES, 1988; 2001; DUARTE, 2004; LIMA; SÁ, 2008; MOREIRA; MASSARANI, 2001; SÁ, 2006).

Por outro lado, de 1922 a 1924, Bertha Lutz esteve afastada do Museu, em “serviço externo” do gabinete do Ministério da Agricultura, tendo sido designada, a partir de janeiro de 1923, a ali servir na “Comissão de Remodelação do Ensino Agrônômico”². Algumas de suas atividades em torno da educação e da divulgação científica estiveram, assim, diretamente relacionadas a interesses governamentais, através de “honrosas comissões” que lhe foram confiadas pelo governo, como enfatiza em diversos documentos. Dispensada da Comissão, em maio de 1924, retorna ao exercício do

¹ Para uma visão geral acerca da trajetória científica e política de Bertha Lutz, ver: LOPES; SOUSA; SOMBRIO (2004) e LOPES; SOUSA (2006). Sobre sua produção científica a partir da década de 1940, ver LOPES; SOUSA (2007). Sobre sua experiência como Deputada Federal (jul. 1936 a nov. 1937), especialmente a respeito do trabalho feminino na área da Saúde, no âmbito de projeto de “reajustamento” do funcionalismo público, ver: SOUSA; SOMBRIO; LOPES (2005).

² Dentre diversas atribuições, Bertha Lutz teria sido incumbida de estudar, nos EUA e Europa, o sistema de ensino voltado à Economia Doméstica e Rural, e suas aplicações à Agricultura. Estas e as informações que se seguem foram retiradas de documentos pessoais e funcionais de Bertha Lutz, depositados no Museu Nacional e no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

cargo de secretária do Museu Nacional, passando a servir na Sessão de Botânica, onde realizaria estudos científicos, como a coleta de espécimes florais em excursões diversas, a organização de fichas e determinação de material, colaborando com a formação do Herbário do Museu.

Nessa época, o Museu Nacional era órgão subordinado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio³, o que indica uma confluência de interesses entre Museu e Ministério pelas questões educacionais, marcados pelo aprofundamento das relações da ciência com o sistema produtivo moderno (DANTES, 1988; 2001). O ideal civilizatório que permeava a missão da difusão científica para o desenvolvimento do país se enquadrava também em um momento de “otimismo pedagógico” que caracterizou a ação dos idealizadores da Escola Nova (LIMA; SÁ, 2008; NAGLE, 1978).

É nesse contexto que a trajetória de Bertha Lutz pode ser compreendida. O afã da modernização e da vulgarização dos conhecimentos possibilitou a atuação de novos agentes, abrindo as portas para o pioneirismo de Lutz e para a inserção feminina cada vez maior no campo científico. O movimento de lutas pelos direitos das mulheres no Brasil também compõe este cenário e a confluência destes fatores na trajetória de Bertha Lutz será analisada em função de seu potencial transformador: pelo desenvolvimento da ciência nacional, pelo direito feminino à educação e profissionalização e pela igualdade de gênero em nossa sociedade.

Objetivos e Metodologia

Na pesquisa realizada para a dissertação de mestrado enfocou-se os anos iniciais da carreira de Bertha Lutz, no Museu Nacional, entre 1919 e 1937 (SOUSA, 2009). Buscou-se relacionar as dimensões Gênero e Ciências e compreender a atuação da naturalista em prol da educação e profissionalização femininas, de maneira coerente com a geração a que pertenceu, de mulheres e cientistas em busca da definição de seus papéis na sociedade. Neste sentido, a vulgarização do conhecimento produzido e a proteção à natureza surgem como temas cruciais de valorização da comunidade

³ Desde 1909 até o ano de 1930, quando passa ao recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), no governo de Getúlio Vargas.

científica e são próprios do contexto da época. Da mesma forma, o crescente – mas ainda incipiente – acesso feminino à educação de qualidade e à profissionalização se tornava, sutilmente, mais palatável no interior das ideologias de gênero da sociedade, a partir da década de 1920 (AZEVEDO; FERREIRA, 2006), o que não ocorreu sem uma luta prévia de mulheres que vinha reivindicando seus direitos desde fins do século XIX no Brasil (MOTT, 2005; RAGO, 2000).

A militância de Bertha Lutz pela causa feminista é amplamente reconhecida pela bibliografia sobre gênero e história das mulheres do país. Estudos fundamentais do campo desde a década de 1970 – como os de Soihet (1974; 2002; 2006) e Alves (1980), por exemplo –, consagraram a atuação desta personagem, enfatizando a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), em 1922, suas táticas e estratégias e, principalmente, a conquista do direito ao voto.

O objetivo deste artigo é contribuir para o avanço das discussões a respeito deste ícone da luta feminista, iluminando aspectos até agora pouco explorados: apenas recentemente a trajetória profissional de Bertha Lutz tem sido objeto de análise por um pequeno grupo de pesquisadoras⁴. Além de abrir o leque de atuação da personagem, abordar sua faceta científica permite problematizar a “invisibilidade historiográfica” das mulheres nas ciências, que resultou da ausência de abordagens acadêmicas neste sentido, em nosso país (LOPES; COSTA, 2005). Este estudo, portanto, busca relacionar a experiência individual de Bertha Lutz com o cenário maior da comunidade científica a que pertencia e das novas possibilidades que se abriam para a inserção feminina na esfera pública.

Dentro desse objetivo, foi enfatizada sua atuação no campo da Educação – bandeira cara à sua militância, pelo potencial emancipador, e também às suas atividades profissionais, pelo ideal civilizatório. O contexto educacional das décadas de 1920 e 1930, no Brasil, contempla tanto as aspirações dos cientistas da época como o início da atuação de mulheres neste campo profissional e pode ser considerado um “elo”

⁴ Ver, por exemplo, os artigos: Lopes; Sousa; Sombrio (2004) e Lopes (2008), dentre outros das mesmas autoras, e as dissertações de mestrado de Sombrio (2007) e a minha (SOUSA, 2009).

entre a dimensão científica e feminista. A participação de Bertha Lutz como delegada do Museu Nacional, no 4º Congresso Brasileiro de Instrução Secundária e Superior (1922) no qual defendeu o ingresso de meninas no Colégio Pedro II, simboliza esta união de interesses⁵.

O ensino secundário de qualidade era a porta de entrada às instituições de nível superior onde se adquiria a formação e a socialização necessárias a diversas atividades profissionais. Foi, portanto, nas primeiras décadas do século XX, com a remodelação da instrução pública em todos os níveis, que se abriram novas possibilidades à profissionalização feminina. Estudos recentes reforçam a importância das sucessivas reformas escolares ocorridas na década de 1920 e implementadas a partir de 1930 por uma política educacional sistemática, para a transformação do sistema de gênero no Brasil, propiciando o acesso feminino a carreiras profissionais e maiores atuações no mundo público (AZEVEDO; FERREIRA, 2006).

Embora uma bibliografia influente sustente a ocorrência da manutenção de hierarquias e de uma “modernização da desigualdade” a despeito de conquistas formais⁶, Azevedo e Ferreira (2006) atentam para as brechas inerentes ao processo de modernização burguesa do país pelas quais foi possível encontrar um novo espaço de atuação e de identidade femininas. Os autores observam, justamente:

[os] aspectos mais dinâmicos desse processo, aos quais se pode imputar a transição do perfil educacional da população feminina que, em um curto período de tempo, do início da República à década de 1940, evoluiu do analfabetismo para a formação em nível superior, direcionando-se, em número cada

⁵ O Colégio Pedro II era a mais importante instituição de ensino secundário do Rio de Janeiro, e sua matrícula foi vetada ao sexo feminino até o ano de 1926. A reivindicação pelo fim da exclusividade masculina nessa escola foi também decidida no interior da FBPF, liderada por Bertha Lutz, durante o I Congresso Internacional Feminino de 1922. Cf. verbete “Bertha Lutz” no portal eletrônico do CPDOC/FGV, adaptado de *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930* (2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001) e Hahner (1978).

⁶ Cf. a obra de Susan Besse (1999) que, abordando as transformações do período, conclui com a permanência de um sistema patriarcal de dominação, não tendo ocorrido mudanças ideológicas substanciais de gênero, mesmo no que se refere à educação. Segundo a autora, embora as mulheres tenham sido contempladas pelo sistema escolar reformulado, o “conteúdo” dedicado a elas acabaria por manter a ideologia dominante, preparando-as para funções domésticas e relativas à maternidade.

vez maior, para as profissões científicas (AZEVEDO; FERREIRA, 2006, p. 217).

As escolas profissionais criadas para o público feminino, por exemplo, funcionaram como um verdadeiro “laboratório social” no qual as alunas vivenciavam papéis inéditos de trabalhadoras fora da esfera privada. A formação do magistério, pela escola normal, passou por uma feminização que, embora gerasse um “padrão sexuado” presente até hoje, significou uma mudança efetiva dos papéis sociais das mulheres no mundo público. Os autores, enfim, salientam a necessidade de se considerar:

[...] certos aspectos inovadores relacionados à educação feminina, induzidos pelas políticas educacionais – tais como co-educação, acesso irrestrito ao ensino secundário, formação profissional em nível técnico, reformulação pedagógica da escola normal e experiências de formação para o magistério em cursos de nível superior (AZEVEDO; FERREIRA, 2006, p. 238).

O ingresso cada vez maior de mulheres em instituições educacionais permitiu sua atuação também em áreas diferentes daquelas reconhecidas como essencialmente femininas – como o tradicional magistério ou a enfermagem, por exemplo – e a quebra da exclusividade masculina, principalmente, no meio acadêmico e científico. Segundo Azevedo e Ferreira (2006), trata-se do início de um processo lento, mas persistente, de profissionalização que apresenta uma transformação de ideologia de gênero propiciando a redefinição de papéis de homens e mulheres em nossa sociedade. Tal transformação ideológica seria, ao mesmo tempo, causa e consequência da atuação de diversos agentes históricos, “pioneiros” ou não, como Bertha Lutz.

As pesquisas iniciais sobre o tema deste estudo se deram durante a iniciação científica realizada na graduação em História, pela Universidade Estadual de Campinas⁷. Integrando um projeto maior coordenado pela orientadora, foram realizados diversos levantamentos documentais e discussões teóricas e bibliográficas acerca da trajetória feminista e profissional de Bertha Lutz. Após o ingresso no Programa de Pós-graduação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, a pesquisa foi ampliada, com foco na questão educacional e nos temas da formação da comunidade científica e institucionalização

⁷ Sob orientação da Profa. Dra. Maria Margaret Lopes, do Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp.

das ciências no Brasil, nunca perdendo de vista a relação com a dimensão de gênero.

As fontes utilizadas, nas quais, frequentemente, estão imiscuídos aspectos da atuação profissional e militante de Bertha Lutz, são de diversas naturezas: documentação institucional do Museu Nacional, trabalhos científicos, contribuição legislativa, correspondências e documentos pessoais, registros das associações feministas e reportagens de jornais e se encontram nas seguintes instituições: Museu Nacional, Arquivo Nacional, Conselho Estadual dos Direitos das Mulheres (Cedim/RJ) e Academia Brasileira de Letras. Trata-se de um extenso acervo, consultado e analisado sob a ótica da história das ciências e gênero, buscando compreender a contribuição política de Bertha Lutz pautada pela dimensão científica.

Resultados da Pesquisa e Discussão

“Honrosas comissões” e o papel educativo do museu moderno

No contexto brasileiro de difusão e popularização do conhecimento, Bertha Lutz atuou de diversas maneiras pela divulgação científica no campo da história natural, publicando trabalhos para o público leigo, proferindo palestras e discursos e buscando a atualização de práticas educativas museológicas.

Em 1921, por exemplo, participou das Conferências do Curso Jacobina, ciclo de palestras especialmente dedicadas às ex-alunas do Curso Jacobina, embora fossem oferecidas também ao público em geral. Recomendadas como “preciosas diversões intelectuais”, as conferências tinham em comum os “assuntos da nossa Pátria”, e nelas seriam abordadas, de “modo ameno e atraente, as particularidades interessantes da nossa História, os progressos da ciência e da arte da palavra no Brasil”⁸. No que se referia aos “progressos da ciência”, Bertha Lutz comporia o cenário ufanista com outros intelectuais, que discursavam sobre: *O céu do Brasil: “Nosso céu tem mais estrelas”* (Henrique Morize/Observatório Astronômico e Escola Politécnica); *A flora do Brasil: “Nossos campos têm mais flores”*

⁸ Folheto das *Conferências do Curso Jacobina* para o inverno de 1921 (julho-setembro), no salão nobre da Biblioteca Nacional (Coleção Roquette-Pinto/Academia Brasileira de Letras).

(Armando Frazão/Jardim Botânico e Escola Politécnica); *Fauna do Brasil: “Nossos bosques têm mais vida”* (Bertha Lutz/Museu Nacional); e, finalmente, sobre *Nossa gente: “Nossa vida mais amores”* (Roquette-Pinto/Museu Nacional).

Por volta de 1933, Bertha Lutz teria proferido palestra no *Rotary Club* sobre a devastação das florestas brasileiras, em conjunto com o Professor Chefe da Seção de Botânica do Museu Nacional, Alberto Sampaio. Citando os principais estudos científicos existentes a respeito, procuravam conscientizar o público da necessidade de medidas de proteção à natureza⁹. Outro trabalho de divulgação é “Naturalistas Britânicos no Brasil”, que também fora tema de conferência realizada na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa e impressa no *Jornal do Comércio* (s/d). O convite ao certame conclamava a assistir os interessados e suas famílias. Proferida em inglês, em 1939, teria sido publicada por aquela Associação, em 1941, sob o título de *British Naturalists in Brazil*. Referindo-se ao ímpeto aventureiro inerente à humanidade, destaca a sua expressão através da Ciência nos “espíritos emancipados” e, assim, discorre acerca dos diversos naturalistas britânicos que, “seduzidos pelo encanto das nossas terras virgens e pelos conhecimentos científicos que o seu estudo encerra”, aventuraram-se pelo território brasileiro.

Nas sucessivas viagens, enviada em comissão aos EUA e Europa, nos anos de 1922, 1923, 1925, 1929 e 1932, dentre diversas atividades¹⁰, buscou atualizar-se em métodos educativos que pudessem ser implementados pelo Museu Nacional. Além disto, estreitou suas atividades em torno dos bens naturais, tornando-se membro correspondente do *Office International pour la Protection de la Nature*, em 1929, na Bélgica, onde, em 1923, já teria recebido do Rei Alberto I a “Medalha por Serviços Especiais à Agricultura”. Especialmente nas viagens de 1922 e 1925, aos EUA, estudou as formas de “divulgação dos conhecimentos de História Natural e o

⁹ “O Reflorestamento do Nordeste. A Mulher Brasileira e a Proteção às Riquezas Naturais do Brasil” (Fundo FBPF/Arquivo Nacional).

¹⁰ Nessas viagens, Bertha Lutz dedicou-se também a excursões e trabalhos de campo com coleta de material, ao estreitamento de relações e permuta de material científico com diversos museus, ao estudo sobre o ensino de economia doméstica e rural, além da participação em congressos feministas.

papel didático no ensino dos diferentes ramos da mesma”, empreendidos pelos museus americanos.

Mas foi após nova viagem aos EUA, em 1932 – prêmio conferido pela *Carnegie Corporation* por intermédio da União Pan-Americana e da Associação Americana de Museus¹¹ –, que Bertha Lutz redige o que alega ser um verdadeiro tratado sobre técnicas museológicas voltadas à educação, fartamente ilustrado e baseado em diversa bibliografia. Sob o título de *O Papel educativo do museu moderno*, entrega seu relatório de viagem ao diretor do Museu Nacional, Edgard Roquette-Pinto, “fazendo votos de que este trabalho, empreendido sem preocupação outra senão a de servir à ciência e à educação, e sem ônus para o Museu Nacional, possa apresentar alguma utilidade aos mesmos”¹².

Segundo Lopes:

[ali] estão referenciados os trabalhos clássicos das mais influentes personalidades de museus de então, os primeiros estudos de público do fim da década de 1920, a importância da propaganda científica pelo rádio, cinema e pela imprensa. Como não poderia faltar, suas observações sobre ‘a mulher no Museu’ mereceram um item à parte (2006, p. 44).

Dos 58 museus visitados, Bertha aponta as formas que mais lhe chamaram atenção pela inovação e alcance educacional: os *museus ramais*, que consistiriam na “etapa mais recente da evolução do museu”, a descentralização e conseqüente democratização¹³; os

¹¹ A Associação Americana de Museus é uma “agremiação vivaz e dinâmica” que congrega o conjunto de museus norte-americanos e é secundada pela Carnegie Corporation. Segundo as observações de Bertha Lutz, essa associação viria tomando a frente das mais inovadoras iniciativas em relação às técnicas e atividades museológicas. Promove convenções anuais das quais Bertha teria participado em 1932, ocorrida de 14 a 18 de maio na cidade universitária de Cambridge, sendo oradora do banquete. Ali, segundo relata, expôs também a iniciativa do Museu Nacional brasileiro acerca dos seus serviços prestados à educação (LUTZ, B. Relatório, 1932. Introdução, p.3 – Fundo Bertha Lutz/Museu Nacional).

¹² Carta de Bertha Lutz a Roquette-Pinto, 1933 (Fundo Bertha Lutz/Museu Nacional). Em muitas ocasiões Bertha manifestou sua decepção por nunca ter sido publicado esse relatório, que permaneceu inédito, sob a guarda do Museu Nacional, por quase 80 anos. Os originais foram analisados previamente por Lopes (2006) e, finalmente, foi publicado pela instituição em 2008.

¹³ Segundo Lutz, trata-se de um “processo de democratização em que o museu sacrifica a sua atitude majestosa de isolamento aristocrático para se colocar ao alcance da plebe” (Relatório, 1932: 13), ampliando sua esfera de ação na educação popular. Uma vez que o museu central de uma

museus para crianças, “com feição menos disciplinar e mais recreativa”; e as *trilhas da natureza* e *museus ao ar livre*, “outro desenvolvimento altamente promissor” que Bertha buscou difundir em nosso país.

No contexto internacional e das teorias em voga acerca dessas instituições, a “teoria moderna do museu” disseminou o duplo papel de pesquisa e educação popular, dando-se especial ênfase a esta última função. Trata-se da *new museum idea*, veiculada pelo inglês Willian Flower já em fins do século XIX que, inclusive, Bertha não deixa de citar em seu relatório. Os ideais escolanovistas difundidos no Brasil na década de 1920 também contribuíram para a atualização de práticas pedagógicas e novas metodologias no campo museológico, para a divulgação e ensino da história natural. A aplicação dos preceitos da Escola Nova culminaria na transformação interna dos museus a serviço da melhoria da qualidade de ensino e maior alcance popular, ao invés do mero incremento quantitativo¹⁴.

Foi justamente nesse contexto que o Museu Nacional, pioneiro no estreitamento das relações entre museu e escola no Brasil, inovou as práticas de educação popular com a criação, em 1927, do Serviço de Assistência ao Ensino, durante a direção de Roquette-Pinto (LIMA; SÁ, 2008; LOPES, 1991). Em um momento em que a instituição passava por uma série de reformulações em seus aspectos mais didáticos, as contribuições de Bertha Lutz parecem ter sido fundamentais. Suas proposições, expostas no relatório de 1932, compreendem inovações em técnicas expositivas de mostruários, seu preparo e organização, destinadas a um público variado e

grande cidade não pode ser facilmente alcançado por todos, ele multiplica sua influência com a criação de museus menores e em maior número. Subdividir-se em ramais, seria uma fase posterior à primeira, de adquirir os órgãos necessários para a divulgação, o que, para Bertha, deveria ser realizado também pelo Museu Nacional em nosso país.

¹⁴ Numa tendência cada vez mais pedagógica e pretensamente democrática, as reformulações pelas quais os museus passavam imprimiram a consolidação da importância do ensino prático, a partir da observação e manipulação dos objetos, e as hoje “tradicionais” visitas guiadas, principalmente escolares, além da reprodução de seus materiais para a disseminação nas escolas. Trata-se do processo de “escolarização” dos museus, através do qual estes passam a se dedicar mais extensivamente à colaboração com o ensino formal, incorporando as finalidades e métodos escolares (LOPES, 1991).

dedicando especial atenção ao público infantil e escolar¹⁵.

Bertha Lutz discorre sobre a melhor caracterização e disposição dos rótulos, a distribuição de folhetos explicativos para as salas e a vantagem da disposição circular das exposições. Defende a propaganda dos museus por meio de cartazes, folhetos e notícias em jornais, a publicação de seus programas e a difusão de programas educativos pelo rádio, atentando para a necessidade de um dinamismo capaz de lançar mão de meios “adaptados ao ambiente social e ao progresso científico”. Propõe a criação de museus especializados para públicos específicos e a atenção ao “elemento subjetivo”, dada a maior preocupação com o aluno no processo educacional. Fora das galerias, em auditórios e salas especiais, propõe, ainda, o oferecimento de conferências, aulas-palestras e explicações que precedam a visita às coleções. Nestes espaços, a “palavra falada” deveria ser incrementada com a informação visual, ressaltando a grande utilidade das projeções de diapositivos como pano de fundo, ou os cinematógrafos, que causariam “maior sensação popular”.

Por fim – o que consideramos uma das principais contribuições acerca da questão feminina e educação neste relatório –, Bertha Lutz atribui às professoras do magistério um importante papel na intermediação entre o museu e o público. Propõe, assim, uma capacitação científica promovida pelo Museu Nacional – a exemplo dos cursos de especialização existentes em Nova Iorque e Brooklin – para estas mulheres, que emprestariam suas capacidades didático-pedagógicas à multiplicação do conhecimento. Devidamente treinadas em noções de ciências e artes e aptas a fornecer explicações simples aos leigos, elas poderiam atuar no próprio serviço educativo dos museus atendendo, principalmente, ao

¹⁵ Dentre as inovações propostas por Bertha Lutz em relação ao público em geral, destaca-se a atenção especial dedicada aos paráliticos, surdos-mudos e cegos – com recursos inovadores, como uso do tato, por exemplo –, à infância e mocidade, a organização de “horas de estudo” para os empregados do comércio, e de atividades especiais para os associados e seus filhos (ao que mereceria uma campanha de recrutamento). Além disso, propõe ainda serviços a públicos específicos, através da participação efetiva do Museu Nacional no âmbito dos cursos superiores e de especialização, atendendo também o aprendiz e o pesquisador.

público escolar¹⁶, um projeto de colaboração entre Museu e Magistério – coadjuvado pela Diretoria de Instrução Pública, que colocaria seu professorado à disposição dos museus –, oferecendo qualificação especializada às mulheres e ampliando suas oportunidades de atuação no mundo público.

Diversos são os exemplos norte-americanos de docentes citados por Bertha Lutz ressaltando seus artifícios, demonstrações e verdadeiras aulas práticas proferidas nos variados museus por ela visitados. A preferência pelo sexo feminino se baseia não apenas em suas próprias observações (e convicções) como também se apoia na autoridade de um especialista internacional da área museológica, como exposto em seu relatório:

[...] embora possa parecer suspeito o que vou dizer, verifiquei que em regra geral as mulheres revelam aptidões superiores para esse gênero de trabalho. Minhas observações, embora despretensiosas, coincidem perfeitamente com a opinião do Dr. Paul Marshall Rea que o trabalho pedagógico com o público e a mocidade deve ser feito por professoras fornecidas pela Diretoria de Instrução Pública (Cap. V, p. 3).

O público infantil era um dos alvos mais especiais dos projetos educacionais dos quais o Museu Nacional partilhava e também interesse do movimento feminista liderado por Bertha Lutz, que relacionava as funções femininas com o cuidado maternal, das crianças. Seu relatório de 1932 aponta as variadas contribuições de mulheres no sentido de “caráter prático”, como a aplicação de jogos didáticos para o ensino de história natural que seriam, no entanto, dotados de “notável rigor científico”¹⁷. É também com a autoridade que vinha consolidando, através de sua experiência no Museu Nacional e de estudos sistemáticos, como este feito nos EUA amplamente baseado em observações diretas e em

¹⁶ Estas docentes, especializadas e de personalidade “agradável e simpática”, estariam capacitadas a manter um grupo heterogêneo interessado e guiá-lo instrutivamente através das salas de exposição. Evitar o rumo de visitantes a esmo, sem nexos, foi uma dificuldade notada por Bertha Lutz na realidade dos museus a que, ao que faz parecer seu relatório, não era ainda dada a devida atenção (Relatório, 1932, Cap. V, p. 2).

¹⁷ Ao final de 1931, Bertha Lutz, sintonizada com esses métodos então inovadores, oferecia ao Museu Nacional uma “série de jogos educativos” que teriam sido encaminhados por Roquette-Pinto à 5ª Seção, de Hist. Natural – Serviço de Assistência ao Ensino. Ofício n. 556, 23/dez./1931. (Fundo Museu Nacional/Museu Nacional).

bibliografia especializada, que propõe a criação dos Museus Infantis.

Trata-se de uma evolução das “salas especiais para crianças” montadas dentro dos museus norte-americanos. Partindo de uma das “iniciativas embriões” que estariam “fadadas a desenvolvimentos verdadeiramente colossais”, considera estas instituições dedicadas inteiramente ao público infantil como “formas especializadas e sumamente vivazes ao museu atual” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 5). Suas observações se mostram, assim, em perfeita sintonia com os ideais educativos de sua época, que se tornariam influentes também na área museológica.

Denise Studart discorre acerca da influência das teorias educacionais na conformação dos museus educativos que tiveram como alvo especial o público infantil, entre fins do século XIX e início do XX. Situa desde as ideias de Pestalozzi e Froebel, até as de Dewey e Montessori, para a criação de ambientes educativos e participativos a partir de experiências com os alunos. Estimula o desenvolvimento das habilidades individuais do educando no processo de construção de conhecimento, enfatizando a importância do brincar e do manuseio dos objetos em um ambiente adequado para isto, além da importância da interação social na vida da criança. As experiências sensoriais seriam o ponto de partida do processo cognitivo, especialmente estimuladas a partir dos jogos educativos, como também defendiam Vygotsky e Bruner (2006, p. 6-7).

As primeiras atividades educativas em museus no século XIX, nos EUA e Europa, se baseavam nas “visitas escolares” e no “ensino com objetos” e influenciaram a criação dos “museus das crianças” dos quais o do Brooklyn (EUA) foi o pioneiro, em 1899. Studart enfatiza que, até 1930, houve uma proliferação destas instituições naquele país, não ocorrendo o mesmo na Europa durante este período, e que sua organização esteve frequentemente relacionada com profissionais das áreas da educação artística ou científica, como no caso dos museus de Boston e Detroit, além daquele do Brooklyn. Afinal, “arte e ciência são assuntos que envolvem percepção e experimentação, intuição e razão, pensamento indutivo e dedutivo” (STUDART, 2006, p. 10-11).

No Brasil, segundo a autora, a criação de centros de ciências interativos se intensificou apenas na década de

1980 e, ademais, o conceito de “museus das crianças” não encontrou receptividade (STUDART, 2006, p. 30), a despeito das observações de Bertha Lutz acerca das instituições norte-americanas, já em 1932. Sugerindo implementar entidades semelhantes em nosso país, afirma que, nos EUA, estas “tudo fazem para atrair os pequeninos”, uma vez que “o museu compreendeu perfeitamente que o período mais amável da vida humana é o da infância e mocidade [...], com as suas perguntas muitas vezes desconcertantes, mas sempre lógicas e pertinazes” (Relatório, 1932, Cap. IV, p. 3-4).

Se, em seu relatório, em outras passagens, Bertha Lutz aborda a atuação dos museus em colaboração com a educação formal em relação à infância, os subsídios ao ensino e à instrução pública, nesse momento ela discorre acerca de uma modalidade que contempla este público de uma forma diferente – “mais recreativa, que ensina enquanto diverte”. O lema “*Make education fun* – faça da educação um prazer” rege os docentes dos museus infantis, que orientam as crianças “deixando-lhes bastante autonomia para que não tenham a impressão de disciplina escolar” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 14).

As atividades incluem palestras, projeções, cinemas, jogos, confecção de modelos, desenhos, teatros, festas e programação musical. Estimulam, também, a agremiação de crianças em clubes, que se dedicam a estudar temas de interesses comuns, como os índios americanos, modelos de aeroplano, selos ou pássaros da região, por exemplo. Outra prática estimulada é a associação dos pequeninos à instituição, os quais, pagando uma pequena quantia por ano, passariam, assim, a “considerarem-se donos dos museus”. A montagem de modelos animados, como uma “pedreira que explode” com dinamite, a moagem de trigo e outros experimentos, seria outro artifício que encantaria o público infantil e estimularia a aprendizagem, além dos concursos e feiras infantis organizadas pelo Museu Americano de História Natural, por exemplo.

Dos museus inteiramente infantis, Bertha Lutz ressalta quatro que estariam “entre os dez mais memoráveis” de sua *tourneé*: os de Cambridge, Boston, New Heaven e Brooklin. Segundo suas observações, o pequeno museu no interior da cidade universitária de Cambridge parece uma “casa de bonecas”, um “ninho adorável onde a diretora e docentes recebem as crianças” que, ali, aprendem os nomes das flores que crescem nos campos

vizinhos e brincam com animais vivos, aquários, herbários e bonecos vindos de diversos locais do mundo e, como uma “cabana encantada”, salienta a capacidade de conter os ânimos das crianças: “sossegam-nas com livros cheios de aventuras quando por demais vivazes e gastam suas energias na construção de aldeamentos indígenas” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 19).

Se esta instituição se encontra quase escondida em uma ruela entre os campos de tênis e os edifícios imponentes de Cambridge, já o *Children’s Museum*, de Boston, se localiza no interior de um soberbo jardim público, não deixando Bertha Lutz de notar a proximidade com uma cratera causada pelas “geleiras que Agassiz descreveu tão bem”. Considerando um estabelecimento modelar, ressalta que é uma “organização poderosa, com *trustees*, [dotada] de uma diretora muito eficiente, pessoal técnico feminino treinado e muitos auxiliares”. Teria se originado do *Teacher’s School of Science* e da Sociedade de História Natural de Boston, e contaria ainda com a colaboração de associações femininas, culturais e autoridades.

O *Peabody Museum* de História Natural, da Universidade de Yale (New Heaven), possuiria um departamento destinado ao vínculo com as escolas e um museu infantil próprio, dirigido pela Sra. Mildred Porter, com quem Bertha Lutz visitou a instituição e notou, desde sua entrada, os cartazes aludindo à estação primaveril, que estimulariam o amor pela natureza, e o pátio com quatis e gambás, que “fazem o encanto das crianças”. Um modelo animado demonstraria, com “chuva verdadeira”, o efeito das águas sobre as florestas; a projeção de filmes, bem como a *story-hour*, contariam sobre os hábitos dos mamíferos locais; e uma “trilha da natureza” no jardim também estimularia o apreço à história natural.

Finalmente, o Museu Infantil de Brooklyn, reconhecido por Bertha Lutz como o pioneiro nessa modalidade¹⁸, seria dirigido por Miss Annie B. Gallup, com quem

¹⁸ Fundado em 1899, pela iniciativa do curador de Belas-Artes do Instituto de Arte e Ciência do Brooklyn, prof. William Henry Goodyear, seu pioneirismo é também enfatizado por Studart (2006). A autora salienta ainda que este museu, além de receber alunos de escolas públicas e privadas, contemplava também crianças que não frequentavam escolas e buscava a inclusão das recém-imigrantes do Brooklyn. Seu pioneirismo se dera também no sentido de estabelecer uma relação com a comunidade do entorno (STUDART, 2006, p. 10).

Bertha já se correspondia pelo menos desde 1925. Em seu relatório, descreve-a como uma “senhora interessantíssima que imprime o cunho de sua atividade ao estabelecimento, que vive cheio da algazarra alegre da criançada de Brooklyn” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 21). Denise Studart (2006) parece confirmar suas observações sobre Gallup, professora de Biologia e primeira curadora deste Museu das Crianças, afirmando que esta “dera à nova instituição o seu perfil: estimular e satisfazer a curiosidade natural das crianças. As exposições eram expressamente planejadas para o público infantil e os objetos estavam disponíveis para manuseio” (STUDART, 2006, p. 9).

Em realidade, segundo o relatório de Lutz, é de autoria de Gallup o lema “*Make education fun*” e, de fato, naquela instituição, os visitantes passariam “um dia tão memorável que um pequeno chegou a dizer na hora da despedida: ‘o céu deve ser como este museu’” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 21). A preocupação com o público infantil, no entanto, não era a única relação existente entre as mulheres e as instituições museais. Bertha Lutz verificou, ainda, a grande e variada presença feminina exercendo atividades “desde os misteres mais humildes [...] até aqueles que exigem elevado grau de cultura e preparo técnico superior” (Relatório, 1932, Cap. IV, p. 14). Um exemplo é a Dra. Doris Cochran, “que atingiu o posto respeitável de assistente chefe da Seção” de Herpetologia do Museu Nacional de Washington, além de outras especialistas citadas, que obtiveram amplo reconhecimento profissional.

Uma segunda categoria de educadores atuantes no museu, os “psicólogos residentes”, é também representada, no Relatório de Bertha Lutz, por uma mulher, a Sra. Nita Goldberg, do Novo Museu de Ciências de Buffalo. Tratava-se de um novo cargo técnico, que estaria ainda em expansão nos museus dos EUA, “fruto dos resultados surpreendentes colhidos pelo estudo do elemento subjetivo, o visitante”. Ressalta Lutz que um “projeto psicológico” estaria ampliando seus trabalhos, com novas nomeações, naquele país, e recomenda ser “muito interessante introduzir um deles no nosso Museu Nacional” (Cap. IV, p. 11-12).¹⁹

¹⁹ Essa importante classe de psicólogos estudaria o público “fazendo observações e experiências sobre as suas reações” e, “em vista disso aconselham as modificações técnicas aptas a

Citando diversos nomes femininos em postos de comando, dentre “docentes, instrutoras, pedagogas e diretoras de departamentos educativos” dos diversos museus por ela visitados, não faltaram elogios às suas capacidades. A Srta. Horton, docente chefe do Museu de Arte de Cleveland, apresentara uma explicação em sua galeria “que foi um primor”. Miss Mabel McCormick, especialista de “tardes recreativas” para crianças do Museu de Providence/R.I., apresentara uma narrativa ilustrada com projeções de uma lenda índia, em uma seção da Convenção da Associação Americana de Museus (Cambridge), que manteve o auditório “em estado de êxtase”. Em cargo de direção, Miss. Amélia Messner, do Museu Educativo das Escolas Públicas da Municipalidade de St. Louis, impressionara “pelo seu ponto de vista claro e visão de conjunto, tudo prevendo”.

Lutz aponta ainda a Sra. Grywacz, diretora em Trenton, no Museu Estadual de New Jersey, que “organizou um pequeno museu de primeira ordem”, e a Sra. Beatriz Winsler, “personalidade vivaz e dinâmica”, que ocupava a diretoria do Museu de Newark, além da diretoria geral de todas as bibliotecas da cidade. Naquele museu, muito “interessante sob o ponto de vista da mulher”, dentre o grande número de funcionários, o único homem seria o porteiro. E, ao se preocupar com o “trabalho pesado”, o de transportar mostruários, Bertha se admira ao notar que é feito por elas mesmas, com o auxílio de uma máquina, os *case lifters*, que teriam sido construídos pelas próprias técnicas daquele museu (Cap. IV, p. 17 e Cap. II, p. 15).

Mulheres cientistas e feministas pela proteção à natureza

No campo da militância, a União Universitária Feminina (UUF), associação feminista que Bertha Lutz ajudou a fundar, em 1929, no Rio de Janeiro, incentivava as mulheres a ingressarem no ensino superior e, dentre outras atividades, lhes apresentava oportunidades de

estreitamento com os temas de história natural²⁰. Promovendo “passeios e excursões”, ofereceria às associadas a “oportunidade de conhecer as belezas naturais do Brasil, lugares pitorescos ou históricos”, cooperando com o “Centro Excursionista Brasileiro” do qual as sócias seriam consideradas também membros. Ao atuarem neste sentido, mantinham, muitas vezes, relações com seus locais de pesquisa e trabalho, como foi justamente o caso de Bertha Lutz. As atividades promovidas pelo “Departamento de Cultura” da União, em 1932, por exemplo, consistiram em uma excursão à floresta da Tijuca, no mês de abril, e em uma visita ao Museu Nacional, em agosto. No ano seguinte, visitaram o Jardim Botânico, em atividade por ele organizada, onde assistiram palestras apresentadas pelos botânicos Brader e Bertha Lutz – “proporcionando às nossas sócias o utilíssimo contato com os vegetais”²¹.

Na primeira excursão realizada pela União, subiram de bonde ao Alto da Boa Vista e, a pé, seguiram pela estrada que levava à Cascatinha Taunay. Rumaram, então, ao Mirante Excelsior e observaram a vista “da praia da Lapa até a baixada fluminense, nas imediações de Penha, estendendo-se pela Bahia de Guanabara afora”. Depois de pararem para “merendar e após uma hora de agradável palestra”, desceram a pé até o ponto de bonde, um percurso de uma hora e meia, voltando ao centro da cidade, depois de terem “passado horas agradáveis e sadias”. No mesmo ano de 1932, fariam ainda o primeiro acampamento, na Fazenda Ethel Mendes, no Estado do Rio, permanecendo ali de 26 de junho a 2 de julho. Novamente se dedicaram ao contato com a natureza, acompanhado de exercícios físicos, literatura e... tricô, além de se divertirem e enaltecere o companheirismo que permeava a associação feminina.

A proteção ao patrimônio natural foi um tema ao qual Bertha Lutz se dedicaria mais a fundo, em outras ocasiões, e sua principal estratégia seria estimular, de maneira mais generalizada possível, o que, frequentemente, aparece na documentação como o

aperfeiçoarem o rendimento dos museus”. Segundo Bertha Lutz, os estudos de Goldberg, doutoranda que se dedica a “pesquisas científicas de grande alcance” e rigor, “estão para mostrar que será baldada toda a obra educativa empreendida pelos museus, se estes estabelecimentos não se acomodarem à psicologia do público, ao invés de procurarem habituar o público a aceitar a idéia clássica e preconcebida do museu” (Relatório, 1932, Cap. IV, p. 16-19).

²⁰ Em 1961, a União Universitária Feminina (UUF) passa a ser denominada Associação Brasileira de Mulheres Universitárias (ABMU).

²¹ Brochura que registra as primeiras atividades culturais da associação, com fotos e anotações. “Departamento de Cultura da União Universitária Feminina. Acampamentos, visitas e passeios”. O acervo da União Universitária Feminina encontra-se no Conselho Estadual dos Direitos da Mulher (CEDIM)/Rio de Janeiro.

“amor pela natureza”. Uma de suas atividades neste sentido foi dirigir um grupo de Estudo da Natureza Carioca – principalmente, da Flora Carioca-Fluminense, um de seus temas de pesquisa no Museu Nacional –, sob os auspícios do Instituto Brasil-Estados Unidos, em torno do ano de 1940. As inscrições seriam gratuitas, já que o grupo se destinaria a estimular o interesse pela História Natural: a Dra. Bertha Lutz ofereceria “graciosamente os seus serviços a esta experiência que visa o conhecimento e o apreço da Natureza entre nós”²².

Durante o inverno, ministraria palestras e leituras, com explicações dadas em inglês e português, dedicadas a adultos, meninos e meninas. Durante o verão, organizaria excursões, mensais ou quinzenais, a pontos típicos da Flora Carioca-Fluminense, estimularia a produção de aquarelas, pequenos herbários e observações da fauna. Além disto, empreenderia visitas a instituições científicas e museus, para estudo de material, comparação com espécimes determinados, exames de obras de Botânica, livros ilustrados, etc. Em carta à presidente e à secretária do Grupo de Estudos, Bertha Lutz indica o envolvimento com a causa feminina nesta iniciativa, associando a promoção da consciência ambiental aos primeiros esforços em oferecer às mulheres uma oportunidade de se mostrarem cidadãs conscientes.

Nesse contexto, ao participar da elaboração do anteprojeto da Constituição²³, em 1933, Bertha Lutz apresenta suas “Sugestões para a Proteção à Natureza e o Patrimônio Biológico do Brasil”. Desta discussão teriam participado também outras mulheres, como Josefina Martins, que apresentou um texto à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), em 1933, acerca da “Riqueza do sub-solo do Brasil”, com sugestões a serem incorporadas à carta constitucional. Evocando o tesouro natural brasileiro, que estaria sendo extraviado por “ingenuidade” do nosso povo, primava pela sua guarda através de contratos rigorosos de

exploração, aludindo, ainda, à contribuição feminina aos rumos do país: “agora que a mulher brasileira ajuda aos homens e dá-lhes as suas auxiliares ideias, veremos com prazer alguma melhoria no futuro”.

É também aliando a preocupação com os bens naturais à colaboração feminina, que Bertha escreve, em torno de 1933, “A mulher brasileira e a proteção às riquezas naturais do Brasil”, palestra proferida no *Rotary Club* do Rio de Janeiro com Alberto Sampaio em que defendem a necessidade de estender a proteção legislativa e prática neste assunto. O tema da proteção ambiental, que passava pela questão do uso dos bens naturais brasileiros, sua conservação e por seu crescente extravio para o exterior, foi amplamente debatido entre a comunidade científica e intelectual, associado ao interesse governamental, já na década de 1930. Inserido também em um contexto de divulgação científica e de ampla mobilização popular, nas décadas seguintes, o debate se intensifica e manifesta a proliferação de medidas e órgãos oficiais de controle e proteção ambiental²⁴.

Um exemplo de mobilização nesse sentido foi a organização da I Conferência Brasileira de Proteção à Natureza, promovida pela Sociedade dos Amigos das Árvores, em 1934, uma “associação que conta em seu seio ilustres representantes da ciência, das letras e das artes, cujo objetivo é o de promover o culto e a proteção das árvores e bem assim a defesa do nosso patrimônio florestal”, segundo questionário divulgado pelos organizadores do evento em 1933, para colher informações prévias que orientassem o debate da Conferência²⁵. O discurso inaugural, proclamado pelo presidente da Sociedade promotora do evento, Professor

²⁴ Como o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFEACB) e o Conselho Florestal Federal, dos quais Bertha Lutz faria parte entre 1939 e 1951 e em 1956, respectivamente.

²⁵ O questionário teria sido dirigido a todos os municípios do Brasil e solicitava informações acerca das diferentes ocorrências vegetais e os principais problemas a elas relacionados, a fauna, sua caça e regulamentação, utilidades medicinais das espécies e, finalmente, sobre a existência de escolas de instrução primária com orientação às crianças pela preservação da natureza. Buscava-se, assim, reunir “a maior soma possível de indicações práticas, atinentes à defesa e reconstituição de nossa flora, fauna, sítios e monumentos naturais”, que serviriam também para a criação de um guia de turismo que registrasse as belezas naturais do país. (Fundo FBPF/Arquivo Nacional).

²² De acordo com uma das versões do programa “O Estudo da Natureza Carioca/*Nature Study Group*” (Fundo FBPF/Arquivo Nacional).

²³ Segundo seus assentamentos no Museu Nacional, Bertha Lutz foi nomeada para fazer parte da Comissão Organizadora do Ante-Projeto da Constituição, por decreto de 26 de outubro de 1932, deixando, por isto, de comparecer à repartição desde 7 de novembro do mesmo ano até 31 de agosto de 1933.

Leôncio Correa, explicita a demanda científica na “solução racional inteligente do problema florestal”, que seria “a preocupação suprema dos países civilizados do mundo”²⁶.

Inserindo a iniciativa brasileira nesse contexto mundial e, portanto, na esfera da civilização, salienta a ocorrência dos Congressos Internacionais de Proteção à Natureza de Paris, em 1923 e 1931, pelos quais o Brasil deveria se pautar, principalmente contando com contribuições especializadas de diferentes instituições e seu corpo técnico. O ideal nacionalista, em prol do progresso da pátria, estava sempre presente, aliado ao ideal científico e artístico na caracterização da Conferência.

Dentre as principais preocupações citadas, destacam-se: as devastações de matas, em quase todos os Estados, para captação de lenha ou cultivo do café; as secas do Nordeste; o potencial dos rios e cachoeiras; as “riquezas minerais desbaratadas e desviadas para o estrangeiro sem as compensações devidas”; a criação de Parques Nacionais; a execução obediente do Código Florestal recém-criado (1934); e a instituição de um Conselho Florestal Federal. A manutenção de hortos para se fornecer mudas ao plantio também era questão abordada dentre as diversas soluções e precauções à questão ambiental. Para a conscientização pública, investia-se, principalmente, nas crianças – símbolos do futuro do país – propondo-se a criação de uma cadeira de Silvicultura nas escolas primárias e secundárias.

A importância dada à questão florestal, “ao mesmo tempo, um problema econômico, social, de higiene, de riqueza, de importância capital e de relevante transcendência” receberia, neste debate, proposições permeadas pelo otimismo de um futuro promissor, “e, assim, galgaremos o cimo da montanha”, nas alusões de Leôncio Correa (SAMPAIO, 1935, p. 15-19). De acordo com as seções técnicas do evento, os trabalhos apresentados teriam uma orientação fortemente educativa e contemplavam temas relacionados aos investigados nas instituições de pesquisa em História Natural – solo e subsolo, flora, fauna, antropologia e biogeografia –, além de sua aplicação prática no âmbito político-legislativo.

²⁶ Discurso constante no Relatório Geral da Conferência, exarado por A. J. de Sampaio e publicado no *Boletim do Museu Nacional* (SAMPAIO, 1935, p. 9-10).

O evento se mostra como um importante espaço de sociabilidade em que se engendram práticas científicas e políticas, dele tendo participado diversas instituições e associações, governamentais e civis, representantes de diversos estados do país. A FBPF, fundada por Bertha Lutz, em 1922, foi representada pela professora da Instrução Municipal, Alda Pereira da Fonseca. O movimento feminista, assim, vinha também participando dos debates públicos acerca da questão ambiental, em um momento em que as iniciativas protecionistas dos bens naturais estavam ainda sendo construídas.

Alda da Fonseca, que já possuía trabalhos especializados em botânica – tendo realizado conferência na Sociedade Nacional de Agricultura sobre a “A cultura da mangueira”²⁷ – apresentou duas comunicações no evento, uma das quais foi a proposta de “Arborização dos Morros e Subúrbios”, incitando a conscientização popular a partir das escolas, na proteção das matas e em sua reconstituição. Outra comunicação sua foi acerca dos Parques Nacionais, tema que também foi explorado por Roquette-Pinto em sua apresentação no mesmo Congresso²⁸. Este, que era Diretor do Museu Nacional, expôs um projeto de criação de um grande parque no Brasil, elaborado com a contribuição do diretor da *American Association of Museums*, Laurence Vail Coleman, e cuja superintendência estaria a cargo do Museu Nacional.

Roquette-Pinto salientara, ainda, que o mais completo projeto brasileiro sobre o assunto teria sido publicado em 1931, por Alberto J. Sampaio, chefe da Seção de Botânica na qual trabalhava Bertha Lutz. A este tema, ela também se dedicara, a partir de observações sobre os grandes Parques e Museus ao Ar Livre norte-americanos, visitados durante a viagem que fizera, justamente sob a orientação de Coleman, como expõe em seu relatório de 1932 sobre o papel educativo dos museus modernos. Reservando um item específico a este empreendimento, salienta o seu importante papel educativo no ensino de história natural e também na conscientização ambiental.

²⁷ Trabalho citado na publicação de Bertha Lutz sobre a *Mangifera indica* (LUTZ, 1926).

²⁸ A comunicação apresentada teria sido publicada na *Revista Nacional de Educação* de ago./set. 1933, de acordo com o relatório da conferência (SAMPAIO, 1935, p. 54).

Tamanha foi a importância atribuída por Bertha aos parques naturais, que escrevera, em 1933, ao Ministro da Viação, José Américo de Almeida – que vinha se empenhando em serviços de reflorestamento do Nordeste –, solicitando apoio nesta “outra modalidade de defesa da natureza” cujas “linhas mestras” teria conhecido na viagem recente aos EUA. A criação de parques e reservas biológicas, nacionais ou estaduais, e a instituição de Monumentos Naturais, contribuiriam para o recreio cultural e a aquisição de conhecimentos do povo, estudando diretamente na natureza. Lembra, para isto, a “colaboração eficiente do feminismo norte-americano, que avocou a nobre tarefa de velar pelo patrimônio natural e histórico do país”, através de associações particulares, em um esforço coordenado com as autoridades públicas e instituições científicas e ressalta que tal medida de proteção, “além do interesse estético e científico, se revestiria de importância econômica e social”.

Naquele relatório, Lutz explicava que tais modalidades especializadas, os Museus ao Ar Livre, seriam um desenvolvimento direto proveniente de outra estratégia moderna museológica, que organizava as visitas de acordo com uma ideia de conjunto – as trilhas internas: “alguns museus de ciências naturais modificaram a praxe necessária nos grandes edifícios de mostrar determinados objetos aos visitantes, organizando uma pequena *trilha interna* através das coleções que venham destacar certos espécimes de acordo com um plano pré-determinado, por exemplo, a fauna local” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 6).

Dessa estratégia, partiu-se para as “trilhas da natureza”, feitas nos jardins dos museus, nos parques já existentes, enfim, estimulando o conhecimento ao ar livre – para o qual Bertha não deixa de evocar, na epígrafe do subcapítulo destinado ao tema, a tão difundida frase de Agassiz, entre os que se dedicavam ao estudo da história natural: “Estudai na própria natureza, não nos livros”. Além disto, assim se estimularia o “amor pelas coisas rurais”. No campo museológico, este ideal estaria sendo levado adiante, segundo Bertha, demonstrando seu conhecimento das principais iniciativas e trabalhos sobre o assunto:

De algum tempo pra cá, surgiu uma verdadeira escola de museólogos que acha, aliás, com muita razão que o estudo da história natural deve ser feito no seio da própria natureza. A primeira iniciativa dessa espécie foi a de Skansen, que se

tornou célebre. Mas também nos Estados Unidos há muito seria já realizado nesse particular. Vários museus têm se distinguido no desenvolvimento do ensino ao relento, entre eles o Professor Hermon C. Bumpus, o Dr. Frank Lutz do Museu Americano de História Natural e mais recentemente uma plêiade jovem (Relatório, 1932, Cap. V, p. 6).

Citando os programas educativos desenvolvidos em parques e monumentos naturais “existentes nos lugares de grande beleza natural ou de importância geológica extraordinária”, como os parques nacionais do *Grand Canyon*, *Yosemite* e *Yellow Stone*, Bertha Lutz aborda os seus principais métodos. Um deles seria a criação de um caminho estreito “para uma só pessoa, com o comprimento de meio milha mais ou menos, cuja saída, escondida para assegurar o regresso ao ponto de partida, se acha ao lado da entrada, colocada muito em evidência” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 7).

Rótulos “graciosos” convidam o visitante a percorrer a trilha, e outros, ao longo dela, chamam atenção para as plantas e fenômenos geológicos, os rastros de animais, dão informações sobre a flora e fauna e apontam a diversidade de espécies e aspectos locais. Desta forma, “invocam a poesia da natureza, procurando interessar os visitantes pela conservação da vida”. Afirmando a eficiência da experiência deste tipo, que tivera com um grupo de escoteiros, e o *Museu de Buffalo*, também para seus próprios trabalhos científicos, assegura que obteve, em menos de uma hora, “informações tão precisas que me permitiram subsequentemente identificar a maior parte da flora e das aves que tive a ocasião de ver durante a minha viagem em todo o território compreendido entre Washington DC e as fronteiras do Canadá” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 7).

Os “museus ao ar livre” se desenvolvem a partir dessas primeiras iniciativas, de trilhas em parques naturais. Nos EUA, Bertha visitara o Museu ao Ar Livre de *Bear Mountain*, no *Interstate Palissades Park*, que contava com verbas da instituição filantrópica *Laura Spelman Rockefeller Fund*, com os especialistas do Museu Americano de História Natural, além do auxílio da Diretoria dos Parques Estaduais. O Museu de *Bear Mountain* seria a instituição centralizadora de uma rede de trilhas e diversos outros museus regionais menores organizados nos acampamentos de verão ocorridos no Parque, que receberia toda a população de Nova Iorque.

O próprio acesso ao Parque já ofereceria uma grande experiência de contato com a natureza, uma vez que,

além das “estradas de rodagem”, poderia ser alcançado através de barcas subindo o Rio Hudson. Com o corpo docente do Museu Americano de História Natural – perfeitamente inserida nos grupos de sociabilidade científica –, Bertha empreendeu viagem ao parque, “em caravana de cinco automóveis”. Sempre atenta a aspectos de sinalização dos museus, já pôde notar a existência, no próprio percurso, de placas “em estilo rústico” indicando a direção do Museu ao Ar Livre, além de apontar às flores e árvores do caminho.

Chegando ao seu destino, observou, com interesse, as diferentes trilhas oferecidas, de acordo com as condições locais do ambiente: uma geológica, outra botânica e, ainda, outra histórica – contemplando os pontos de embate das lutas de independência contra os ingleses. À entrada do museu, observou, novamente, o estímulo à atenção do visitante, que se fazia através de um grande painel com reproduções de aves regionais indagando ao público “quantos pássaros comuns conhece e sabe identificar?”. No hall de entrada do museu, um “placar naturalista” daria conta de “acontecimentos da atualidade”, informando em quadro negro sobre as “plantas em floração, os mamíferos vivos naquela estação e outras notas sociais” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 9).

Nas salas de exposição, que continham apenas material vivo, a Seção de Botânica estaria organizada “de modo a evidenciar a teoria da evolução”; a de Zoologia apresentaria inúmeros invertebrados, batráquios e pequenos mamíferos dentro de cubas e viveiros, e um microscópio permitiria ao público “examinar a riqueza biológica de uma gota d’água dos aquários”, sua fauna invisível a olho nu; um gabinete mineralógico dentro de um armário com gavetas para serem abertas, convidaria ao exame e comparação dos espécimes colhidos na região.

Na parte externa, observa, ainda, a existência de um lago artificial que se constituiu em função das árvores cortadas pelos castores que ali habitam, represando as águas do pequeno riacho de montanha do parque. Ali, pôde observar, privilegiadamente, um roedor em seu próprio habitat. Outros estímulos foram criados, como um pequeno biotério de cobras, um poço com tartarugas, uma vala com plantas aquáticas e a manutenção de “dois corvos soltos” que se relacionam com o público.

Bertha ressalta o trabalho educativo feito pelos naturalistas do museu, que conduzem os visitantes pelas trilhas oferecendo-lhes explicações e estimulam o espírito de observação, “levando as pessoas a descobrirem por si mesmas os fatos que possam interessá-las” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 10) – ao melhor estilo pedagógico que buscava difundir. A aplicação de questionários também não passou despercebida por Lutz. Outro aspecto interessante que observou foi a preleção dada “num pequeno anfiteatro natural de pedras”, onde se congregam os visitantes no meio da caminhada.

Sempre atenta aos rótulos, julga-os “uma parte essencial das trilhas da natureza” e observa questões acerca de sua conservação, forma, tamanho, material, localização e conteúdo²⁹. Um dos fatores a se considerar seria o poder de atração do público pela sua variedade, em formato de seta, de tábua, triangulares, pendentes ou rotativos, “trazendo dizeres em três faces”. De maneira semelhante a um estudo de público, Bertha conta que, segundo o diretor da instituição, o Dr. Carr, “em dias de grande movimento ouve-se bater o postigo dos rótulos escondidos continuamente, mostrando que levadas sucessivas de visitantes procuram inteirar-se dos seus dizeres” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 11).

Quanto ao seu conteúdo, salienta, novamente, o poder de atrair o interesse do visitante, estimulando suas próprias investigações, o cuidado da preservação e a consciência ambiental, com dizeres retirados, em sua maioria, dos trabalhos pioneiros “*Nature Trails*” de Frank Lutz: por exemplo, a frase “*Enjoy, do not destroy*”, colocada em letras graúdas à entrada do museu e, na sala de biologia, o seguinte texto: “Esta sala narra uma história, ilustrada com plantas e animais vivos. Podeis lê-la em 10 minutos, mas para alcançá-la em todas as suas minúcias,

²⁹ Os rótulos parecem ser uma preocupação constante de Bertha Lutz enquanto elemento importante na comunicação museológica. Como ela enfatiza, teria inclusive, levado alguns exemplares ao Museu Nacional. Sobre eles, tece suas considerações, parecendo ser mais favorável aos formatos mais tradicionais: “O *Museu de Bear Mountain* emprega rótulos de zinco com duas ou três mãos de tinta branca, dizeres em tinta nankin e duas camadas de verniz Velspar. Trouxe amostras dos rótulos empregados em *Buffalo* em cartão envernizado com moldura rústica imitando galhos de árvores. Acho que os primeiros são melhores, estando os segundos ainda em fase de experimentação” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 10).

necessitareis 10 anos”. Na legenda de um grupo de sementes, lê-se: “Perdidas: as filhas de uma planta quando alguém colheu suas flores”, enquanto outros dizeres desencorajam o abandono de lixo, que “não aformoseiam a paisagem”.

Mas foram os rótulos incentivadores de pequenas experiências que mais interessaram a Bertha Lutz – deixando transparecer seu perfil de cientista prática –, como os encontrados em um frasco contendo moscas de frutas (*Drosophilas*): “Virando cuidadosamente este frasco, verificareis que as moscas procurarão o lado mais iluminado”. Avaliando aspectos do caráter comunicativo do museu através da forma como as informações científicas são passadas, apresentou uma das que julgou mais inovadora: “14 espécies de fetos crescem nos cem metros que rodeiam este lugar. Se não quiserdes travar conhecimentos com todos eles, procurai ao menos apreender os nomes dos quatro mais comuns. São eles: o Feto de Natal, a avenca, a Sensitiva e o feto real”.

Lembrando que, em sua opinião, os rótulos curtos seriam mais satisfatórios, apresenta ainda exemplos de informações mais completas, oferecidas pela junção de vários rótulos do mesmo tamanho. Como é o exemplo da “casa de cupins”, que era explicada de maneira lúdica:

Uma cidade morta, abandonada pelos seus fundadores. Esta cidade foi começada há uns 30 anos por uma rainha, a Formica exsectoides; as operárias acumularam pausinhos e pedregulhos num ponto exposto ao sol, capaz de aquecer os filhotinhos, mas, as plantas cresceram e projetaram sua sombra sobre a construção, o musgo veio cobri-lo e a população enorme desta grande colônia minguou e morreu (Relatório, 1932, Cap. V, p. 11-12).

Buscando esclarecer a “alma do movimento” de criação de tais museus, Bertha apresenta trechos veiculados pelo *Bear Mountain* que, justamente, exprimiriam os princípios que buscava divulgar: a construção de conhecimentos pela observação direta da natureza aliada a métodos pedagógicos então inovadores que contemplassem a educação de um público amplo (Relatório, 1932, p. 12), como os seguintes:

Vocês já viram? Nas margens rochosas do Rio Hudson este pequenino prédio feito de lajes arrastadas até aqui pelas geleiras se abriga à sombra das montanhas do Urso. Os principais acontecimentos na vida dos animais e das plantas vos serão narrados, ao ar livre e no interior do

museu. As rochas trazem a sua história gravada nos seus próprios semblantes.

A simplicidade é a nota dominante das trilhas naturais. A própria natureza vos fará a narrativa do seu conto de fadas, que vos encantarás.

Atenta, sempre, às circunstâncias locais e citando outras iniciativas do tipo, Bertha comenta sobre o Museu de *Cleveland* e o de *Buffalo* os quais, ao contrário de *Bear Mountain*, descentralizam suas atividades. Por não disporem de uma reserva como a do *Palissades Park*, fazem trilhas em diversos parques de bairros diferentes. Além disto, a instituição de *Buffalo* empreenderia, em conjunto com a Universidade do Estado de Nova Iorque, um projeto no “célebre *Alleghany State Park*” de especialização de técnicos em história natural através de acampamentos, reunindo uma verdadeira “colméia de naturalistas” (Relatório, 1932, Cap. V, p. 12-13).

Concluindo, como não se absteve de fazer ao longo de todo o relatório, dedica-se às sugestões da aplicação prática destes princípios ao caso brasileiro. Refere-se, assim, às belezas naturais cariocas, aos resultados positivos possíveis e à necessidade de obter apoio governamental e de associações civis – nas quais se incluiriam também as feministas³⁰:

Seria muito interessante fazer a tentativa de criar trilhas e pequeno museu ao ar livre no Rio de Janeiro, cuja beleza natural sempre será um dos principais encantos. Caso fosse possível obter o auxílio da Diretoria de Matas e Jardins e o concurso de associações juvenis como a dos escoteiros, bandeirantes, movimento social brasileiro, etc, à semelhança do que se faz nos EUA, creio que alcançaria bastante êxito esta iniciativa interessando sobretudo os turistas estrangeiros e estimulando o gosto pela natureza na população urbana da nossa capital (Cap. V, p. 13).

Conclusões

Com a pesquisa e análise aqui expostas, conclui-se que a contribuição de Bertha Lutz para o avanço feminino e a igualdade de gênero foi muito além de sua trajetória política amplamente conhecida no Brasil. Sua militância pode ser encontrada, também, no íntimo de sua atuação profissional no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Sua própria carreira científica já se mostra como exemplo

³⁰ Bertha Lutz não deixa de transparecer em seu relatório a satisfação de notar que os diversos clubes femininos norte-americanos aparecem frequentemente tanto entre o público interessado como também entre os idealizadores e colaboradores dos museus.

das capacidades intelectuais das mulheres, ela mesma tendo colaborado com o desenvolvimento da ciência brasileira, por meio da divulgação, implementação de inovadoras práticas educativas museológicas além das atividades correntes em botânica e zoologia a que se dedicava.

Com base em sua inscrição institucional científica e valendo-se do espírito associativo, Bertha Lutz apontou inúmeros outros exemplos de competência profissional feminina em sua área – como os observados nos museus dos EUA –, intercedendo pela legítima participação das mulheres também em nosso país. Orientada pelas teorias do “museu moderno”, com ênfase no didatismo, valorização das práticas pedagógicas e do público infantil, pela valoração do patrimônio e da história natural – ou seja, baseando-se em princípios caros à comunidade científica da época – Bertha Lutz propôs algo que pode ser considerado inovador para as relações de gênero no Brasil: a especialização científica das professoras do magistério e a participação irrestrita das mulheres no mundo público.

Isso se fez muitas vezes com base em pressupostos tradicionais de “feminilidade” – as aptidões domésticas, a função maternal e o cuidado das crianças. No entanto, tais ideais são agora ressignificados: como Bertha enfatiza, mais de uma vez, o lar não se encerra mais dentro das quatro paredes da casa; sua esfera de atuação é a sociedade como um todo e mesmo os espaços políticos por excelência, como o Parlamento. Ao educar as crianças, as mulheres estariam cuidando do futuro da nação, do desenvolvimento da civilização. Nas propostas de Bertha Lutz e suas companheiras feministas, as mulheres passam a ter um papel fundamental no desenvolvimento do país, também por meio do discurso da maternidade – que não se restringia mais à esfera individual ou familiar, estando dotada de uma ampla e importante função social. Justificava-se, assim, um inédito exercício feminino na esfera pública. Sob este lema, adquiriam formação científica e oportunidades de consolidação de carreiras, além da atuação política.

Argumentos essencialistas, diversas vezes na história, foram utilizados para justificar uma dominação seja de classe, de raça ou de gênero. Por outro lado, a mesma arma também pôde ser empregada, no caso de Bertha, por exemplo, para legitimar no Parlamento uma reserva

profissional como a enfermagem, associada à natureza “maternal”, tanto das mulheres como da própria ocupação (SOUSA; SOMBRIO; LOPES, 2005)³¹. Esta mesma “essência”, embora reconhecida, foi rejeitada por Bertha Lutz, na prática – uma vez que nunca se casou ou teve filhos –, e, mesmo em outros discursos, talvez mais à vontade entre suas colegas feministas, como na convenção organizada pela FBPF, em 1933, em que afirmou ser a maternidade um “encargo imposto à mulher pela natureza”³².

Mas o mais importante das ideias veiculadas por Lutz é a defesa da educação e da formação profissional das mulheres, algo ainda incipiente, um processo que apenas se iniciava nas primeiras décadas do século XX, no Brasil. A FBPF, por exemplo, desde sua criação, tinha dentre seus fins – o primeiro de uma lista de sete itens: “promover a educação da mulher e elevar o nível da instrução feminina”³³. Em discurso pronunciado durante as comemorações do Centenário da Independência, ainda em 1922, Bertha Lutz veicula a inserção feminina nas universidades, conclamando suas contemporâneas ao cumprimento de seus papéis, devidamente contextualizados à sua época. Se a imagem maternal e de senhora do lar permanece em seu discurso feminista, agora, segundo suas palavras, os “horizontes se alargam” às funções da mulher:

³¹ Para uma análise acerca do discurso maternalista como sustentação de práticas públicas femininas, ver Mott (2001) e Freire (2009).

³² “Resoluções da I Convenção Nacional Feminina – Rio, 1933, posteriormente incorporadas à Conferência Internacional Americana de Montevideu de 1933”. Documento transcrito em Hahner (1978).

³³ Os outros “fins” listados são: “2. Proteger as mães e a infância; 3. Obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino; 4. Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão; 5. Estimular o espírito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público; 6. Assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e prepará-la para o exercício inteligente desses direitos; 7. Estreitar os laços de amizade com os demais países americanos afim de garantir a manutenção perpétua da Paz e da Justiça no Hemisfério Ocidental”. O artigo segundo de seu estatuto também deixava explícito o objetivo de educação feminina, declarando destinar-se a FBPF a “coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de elevar-lhe o nível da cultura e tornar-lhe mais eficiente a atividade social, quer na vida doméstica, quer na vida pública, intelectual e política”. *A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e seus fins*. (Coleção União Universitária Feminina/Cedim-RJ).

*O lar não cabe mais no espaço de quatro muros – vai além. Lares são todos os palácios e casebres, fábricas, ateliês, repartições públicas onde palpitam corações de mães, opulentas ou operárias, economicamente independentes ou obrigadas a trabalhar pela sua subsistência. Lares são todas as escolas, onde se vão criando os filhos da Nação. A proteção à Infância, à mulher, à mocidade, não podem mais ser adstritas aos particulares, tem que ser criadas as instituições competentes; a pacificação do mundo e outras questões de magna importância tem que ser levantadas nas Assembléias Legislativas pela voz da mulher.*³⁴

Um sutil deslocamento, portanto, dos espaços reservados à mulher, em relação à imagem tradicional instituída. No que se refere à educação – abrindo portas para novas formas de atuação –, a proposta de mudança aparece ainda mais claramente:

“a própria educação feminina carece de ser modificada; deve ser mais ampla e mais generosa a nossa orientação. O amor e a amizade não são mais suficientes, a mulher deve ao homem a sua colaboração: cumpre-lhe ser não só a sua companheira de ideais, mas de realizações” (Discurso, 1922, p. 9).

O núcleo fundador da União Universitária Feminina, composto por diversas mulheres formadas nas áreas científica, jurídica, da saúde e engenharia³⁵, é expressão

³⁴ Discurso de Bertha Lutz intitulado “Centenário da Independência. Pronunciado no Palácio das Festas por ocasião da oferta da Placa Comemorativa”, p. 5 (Fundo Bertha Lutz/Museu Nacional). Naquela ocasião, a FBFP recebe uma placa comemorativa oferecida pela Biblioteca do Conselho Nacional de Mulheres da República Argentina.

³⁵ A primeira diretoria era composta por Carmem Portinho (Presidente, engenheira civil), Heloisa Marinho (Vice-presidente, formada em Filosofia pela Universidade de Chicago), Ormind Bastos (Vice-presidente, advogada), Nathercia da Cunha Silveira (Secretária, advogada) e Amélia Sapienza (Tesoureira, engenheira civil). Faziam parte do Conselho, além de Bertha Lutz: Joana Lopes (médica e cirurgiã ginecologista da Assistência a Alienados), Myrthes de Campos (primeira advogada a se formar no Brasil), Herminia de Assis (médica e representante feminina na Diretoria do Sindicato de Médicos) e Emilia Snethlage (naturalista, contratada do Museu Nacional, membro da Sociedade Internacional de Mulheres Geógrafas e “a maior autoridade sobre ornitologia do Brasil”). Esta viria a falecer no mesmo ano da fundação da UUF, ocasião que contou ainda com a presença de Maria Esther Ramalho (engenheira civil formada pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro), Maria Ferreiras Chaves (advogada), Silvia Vaccani (engenheira civil) e Renée Roques (aduarista). Dentre as demais sócias fundadoras, as ocupações permanecem as mais recorrentes, além de farmacêutica, química, musicista, pintora, arquiteta, dentre outras, dos anos iniciais da associação até a década de 1940. Informações retiradas da Ata de fundação da União Universitária Feminina (13.jan.1929), recortes de jornais e

do surgimento dessas novas possibilidades de atuação. Como afirma a presidente, Carmem Portinho, trata-se de “senhoras e senhoritas da moderna geração intelectual” (*O Jornal*, 15/01/1929).

Empenhada em defender as oportunidades educacionais às mulheres, em 1936, Bertha Lutz solicita à UUF que interceda junto ao Ministério da Educação devido à ausência da temática feminina nas preocupações estatais: “o questionário do Ministério não diz nenhuma palavra sobre a educação da mulher, apesar de estarem quatro professoras na comissão que o fez [...] Como não fala em educação feminina, orientando-nos por ele pouco podemos fazer”³⁶. Envia, ainda, dois modelos de questionário confeccionados pelas feministas, a serem respondidos e enviados ao Ministro – estes, contemplando a questão almejada por ela. O modelo que se encontra anexado à carta contém sete pontos, levantando diversas preocupações:

- 1). *A educação da mulher deve ser absolutamente idêntica à do homem, ou atenderá também à vocação natural da mulher?;*
- 2). *Qual deve ser o objetivo principal da educação em geral e da educação feminina em particular?;*
- 3). *Em que deve consistir a educação da mulher para: a). desenvolver harmoniosamente a sua personalidade?, b). para o lar, c). para o trabalho que lhe permita subsistência honrada, d). para ser uma boa cidadã?;*
- 4). *Em que grau ou espécie de ensino deve ser ministrada a educação feminina diferenciada da do homem, isto é, a educação feminina vocacional?;*
- 5). *Como, por quem?;*
- 6). *Quem deve preparar os programas e orientar essa educação. Quais as diretrizes principais que a devem nortear?;*
- 7). *Qual o papel que as associações femininas e as mulheres de capacidade demonstrada poderão desempenhar na educação da mulher?*

As feministas, portanto, dialogavam em perfeita sintonia com os anseios governamentais e da opinião pública, relacionados às reformas educacionais – preocupações que já vinham desde os anos 1920 e que se intensificavam na década de 1930. Os objetivos da UUF, impressos em seus estatutos, visavam ao auxílio mútuo de mulheres no desenvolvimento de suas carreiras para, por fim, concorrerem com sua cooperação para o “progresso da Pátria brasileira, estudando com carinho

outros documentos constantes do acervo (Coleção UUF/Cedim-RJ).

³⁶ Carta de Bertha Lutz (FBPF) a Dra. Carmem Portinho e amigas, 27/fev./1936 (UUF/ Cedim-RJ). O referido questionário pode estar relacionado ao Plano Nacional de Educação, no contexto da reforma empreendida em 1936/37 por Gustavo Capanema no MESP, durante o governo de Getúlio Vargas. Cf. SCHWARTZMAN, 2000.

os magnos problemas que se relacionam com o desenvolvimento e a cultura nacionais” (*O Jornal*, 15/01/1929).

Era no mesmo sentido de progresso da Nação que a comunidade científica de então veiculava seus trabalhos. A preservação do patrimônio natural através da criação dos museus ao ar livre é um dos aspectos da contribuição de Bertha Lutz no campo do papel educativo dos museus. A divulgação do conhecimento e do “amor pela natureza” eram os objetivos de sua atuação e estavam em consonância com as preocupações de proteção à natureza, correntes entre cientistas, assim como no contexto das políticas identitárias nacionais. Com o ideal do progresso permeando seus discursos, tanto a classe intelectual como órgãos governamentais mobilizaram o interesse popular ao debate, como objetivado na Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza, realizada em 1933.

Em suas atividades científicas e militantes, Bertha Lutz conclamou o contingente feminino a fazer parte desta empreitada. A partir de relatórios, textos de divulgação, participação em congressos e mesmo documentos provenientes de sua atividade política, pode-se apontar alguns impactos da atuação de Lutz na política científica e educacional de nosso país e mesmo em esferas mais amplas como o gênero, experiências e discursos que foram construídos através de um incessante diálogo travado em diferentes espaços nacionais e internacionais, marcados por uma ampla e intrincada rede de relações.

Militando, também no campo científico, por maiores condições de educação e profissionalização de mulheres, Bertha Lutz contribuiu para a criação de um novo papel social feminino. Para esta transformação, o Museu Nacional, além das associações feministas das quais participou, teve um papel decisivo. Apoiada institucionalmente em um espaço privilegiado de sociabilidade e de construção de ideias e práticas científicas, Lutz pôde oferecer com autoridade sua contribuição a reformulações sociais. E o fez, não apenas como feminista, mas, também como cientista – assumindo a função deste grupo profissional que definia para si um papel no processo de desenvolvimento do país (SCHWARTZMAN, 2001). De qualquer forma, sua proposição pela educação de mulheres encontrou sustentação em um discurso científico vigente na

geração a que pertencia evidenciando que ciências e feminismos são indissociáveis em sua trajetória.

Referências

- ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo: a luta pelo voto no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, v. 27, 2006.
- BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- DANTES, Maria Amélia. Fases da implantação da ciência no Brasil. *Quipu*, v. 5, n. 2, maio/ago. 1988.
- DANTES, Maria Amélia. (Org.). *Espaços da ciência no Brasil (1800-1930)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- DUARTE, Regina Horta. Em todos os lares, o conforto moral da ciência e da arte: a Revista Nacional de Educação e a divulgação científica no Brasil (1932-34). *História, ciências, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 33-56, jan./abr. 2004.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Bertha Lutz. In: _____. *A era Vargas: dos anos 20 a 1945*. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/bertha_lutz>. Acesso em: 14. out. 2013.
- HAHNER, June E. *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LIMA, Nísia Trindade; SÁ, Dominichi Miranda de (Org.). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; Fiocruz, 2008.
- LOPES, Maria Margaret. A favor da desescolarização dos museus. *Educação e Sociedade*, n. 40, dez. 1991.
- LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- LOPES, Maria Margaret. Proeminência na mídia, reputação em ciências: leituras sobre a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15 (supl.), 2008.

LOPES, Maria Margaret. Bertha Lutz e a importância das relações de gênero, da educação e do público nas instituições museais. *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, IPHAN/ Departamento de Museus e Centros Culturais, n. 2, 2006.

LOPES, Maria Margaret; COSTA, Maria Conceição. Problematizando ausências: mulheres, gênero e indicadores na História das Ciências. In: MORAES, Maria Lygia Quartim (Org.). *Gênero nas fronteiras do Sul*. Campinas: Pagu/Unicamp, 2005. p. 75-83. (Coleção Encontros).

LOPES, Maria Margaret; SOUSA, Lia Gomes Pinto de. La trayectoria política-científica de Bertha Julia Maria Lutz (1894-1976): contribuciones para los estudios de género y ciencias y para la crítica de la construcción de la “invisibilidad” de las mujeres. In: BOSCH, E; PÉREZ, V.; GUZMÁN, C. (Comp.). *Los feminismos como herramienta de cambio social: mujeres tejiendo redes históricas, desarrollos en el espacio público y estudios de las mujeres*. Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears (UIB), p. 237-246, 2006.

LOPES, Maria Margaret; SOUSA, Lia Gomes Pinto de. Mulheres nas ciências naturais: produção científica de Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976), a partir da década de 1940. In: SILVA, C. B.; ASSIS, G. de O.; KAMITA, R. C. (Org.). *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2007.

LOPES, Maria Margaret; SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976). *Gênero*, Niterói, EdUFF, v. 5, n. 1, p. 97-109, 2004.

LUTZ, Bertha. Estudos sobre a biologia floral da *Mangifera indica* L. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, v. XXVI, p. 125-158, 1926.

LUTZ, Bertha. (1894-1976). *A função educativa dos museus*. (Organização Guilherme Gantois de Miranda, Maria José Veloso da Costa Santos, Silvia Ninita de Moura Estevão, Vitor Manoel Marques da Fonseca). Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, 2001.

MOTT, Maria Lucia. Maternalismo, políticas e benemerência no Brasil (1930-1945). *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, n. 16, 2001.

MOTT, Maria Lucia. Gênero, medicina e filantropia: Maria Rennotte e as mulheres na construção da nação.

Cadernos Pagu, Unicamp, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 24, p. 41-67, 2005.

NAGLE, Jorge. A educação na Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil republicano; sociedades e instituições – 1889-1930* (III, 2). São Paulo: Difel, 1978.

RAGO, Elizabeth Juliska. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. *Cadernos Pagu*, Unicamp, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 15, p. 199-225, 2000.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SAMPAIO, A. J. Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza. Relatório Geral. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. XI, n. 1, mar. 1935.

SCHWARTZMAN, Simon. Tempos de Capanema. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon. *Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil*. Brasília: MCT/CET, 2001.

SOIHET, Raquel. *Bertha Lutz e a ascensão social da mulher, 1919-1937*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1974.

SOIHET, Raquel. Transgredindo e conservando, mulheres conquistam o espaço público: a contribuição de Bertha Lutz. *Estudos Feministas*, n. 1-2, jul./dez. 2002.

SOIHET, Raquel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Mulheres, 2006.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. *Traços da participação feminina na institucionalização de práticas científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951*. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – IG/Unicamp, Campinas, 2007.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de. *Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de O.; LOPES, Maria Margaret. Para ler Bertha Lutz. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, v. 24, jan./jun. 2005.

STUDART, Denise C. Exposições participativas e educativas em museus. *Cadernos Paulo Freire*, v. VIII, Fortaleza, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará/ Museu do Ceará, 2006.